Que geração será a das crianças que vão passar doze horas na escola?

A notícia resulta da proposta de «possibilidade de as escolas do primeiro ciclo do ensino básico funcionarem doze horas por dia, entre as sete da manhã e as sete da tarde» apresentada pela Confederação Nacional das Associações de Pais — CONFAP na primeira semana de Fevereiro. «A filosofia é adequar o horário das escolas públicas às jornadas de trabalho dos pais, libertando-os da necessidade de recorrer aos ATL.»

De acordo com a notícia, e segundo a CONFAP «este processo está a ser negociado há um ano com o Ministério e está em fase avançada», apesar de o artigo do Jornal Público de 7 de Fevereiro de 2009 referir também que o Ministério da Educação garante que nada está decidido ainda.

Como é natural este assunto é polémico. Apesar de ser consensual que o ideal seria os pais terem o tempo necessário para os filhos, as circunstâncias da actualidade exigem soluções alternativas, destacamos aqui algumas das opiniões descritas neste artigo:

Daniel Sampaio refere que «o que é preciso é modificar os horários dos pais e não aumentar o tempo de permanência das crianças na escola» e ainda que «se persistirmos neste modelo, estamos a criar uma geração de adolescentes como a do *Paranoid Park*, de Gus Van Sant, ou seja, jovens a arriscar a fronteira da delinquência», ainda segundo Daniel Sampaio, «a equação está posta ao contrário, a escola não é feita para substituir a família», «se persistirmos neste modelo, ou seja, na legitimação da ideia de que os pais não têm tempo para cuidar dos filhos, estaremos a contribuir para que as crianças se transformem em adolescentes sem regras». Para Nuno Lobo Antunes «o alargamento do horário das escolas é uma medida que resulta das necessidades e das circunstâncias do tempo actual», «nada que ameace traumatizar as crianças, a verdade é que imensa gente frequentou colégios internos, portanto muito mais longe da família e não me parece que isso lhes tenha tirado a capacidade de imaginação ou autonomia» e «em muitos lares a escola ainda é o espaço mais saudável a que as crianças têm acesso».

Que geração será a das crianças que vão passar doze horas na escola?

Adolescentes como os do filme *Paranoid Park*, quase delinquentes. Ou como os outros, sem mais dramas. Mas o tempo a mais na escola deve ser para brincar

Natália Faria

A escola como terreno para brincadeiras e aprendizagens alternativas

In Pública, 7 de Fevereiro de 2009

Para Lucília Salgado, da ESE de Coimbra «o ideal era que os pais estivessem com as crianças, mas isso é uma utopia no cenário actual, em que os pais têm de trabalhar o máximo de tempo possível para conseguirem sobreviver, ou as escolas se adaptam ou muitas crianças ficam ao deus-dará». Defende que este alargamento não pode significar mais trabalho para as crianças e enfatiza a ideia de que este tempo deve «obedecer à regra dos 3 Ds: descansar, divertir e desenvolver», tem que ser «um tempo de aprendizagem mas com características lúdicas e sem stress escolar».

Manuel Sarmento do Instituto de Estudos da Criança também impõe condições ao aumento de permanência na escola, propõe articulação escolas — autarquia e comunidade e refere como «crucial que as crianças tenham autonomia para decidir o que querem fazer e que a supervisão a que ficam sujeitas não esmague as suas possibilidades de desenvolvimento, enquanto seres sociais».

Perguntamos nós: Até onde vai a escola?

Claro que não somos alheias às dificuldades das famílias em conciliar os horários de trabalho com os da escola, mas que reivindicações devem ser feitas? Será *escola a tempo inteiro* ou será antes aproveitar o edifício da escola para resolver um problema social?

Dentro desta organização, da *escola a tempo inteiro*, qual é o papel das actuais Actividades de Enriquecimento Curricular? O que é efectivamente currículo e o que é extra? O Inglês deve ou não ser incluído no Currículo formal? O Currículo formal precisa contemplar novas valências? Como devem ser organizadas as actividades de Enriquecimento? E as actividades de ocupação de tempos que deveriam ser livres?

Tendo de permanecer mais tempo no edifício da escola, as actividades a proporcionar às crianças deverão ter características diferentes das do currículo formal, mas, não podem ser encaradas com menor importância, pelo contrário, têm de ser pensadas de modo a não as sobrecarregar com tempos exagerados de concentração que nem os adultos aguentariam. Elas têm de decorrer em ambiente tranquilo e serem desempenhadas por pessoas com formação, capacidade e energia para lidar com estes níveis etários. Por exemplo, a música é uma área com muitas potencialidades para ser trabalhada nas actividades de enriquecimento curricular, mas exige conhecimento específico profundo e instrumentos musicais nas escolas.

Uma especial atenção tem de ser dada às escolas inseridas em meios desfavorecidos. As crianças destas zonas são aquelas que, à partida, têm menos oportunidades e são precisamente algumas destas crianças cujas famílias têm também menos capacidade de intervenção e reivindicação.

Como se garante a diferenciação e a qualidade dos diversos momentos/espaços a funcionar no mesmo edifício: Escola Currículo Formal — Enriquecimento Curricular — Ocupação de tempos que deviam ser Livres?

Estas são algumas questões que nos parecem essenciais discutir a par com a ocupação do edifício escolar 12 horas por dia.

Adelina Precatado
Alice Carvalho